

A vida de Antoine Watteau, pintor de figuras e de paisagens, temas galantes e modernos (1746)¹

Conde de Caylus

Trad. Daniela Kern

[...].

Antoine Wateau nasceu em Valenciennes, em 1684. Era filho de um telhador. O nascimento é considerável aos olhos dos filósofos e dos artistas apenas com relação ao auxílio que pode fornecer à educação, mas quando é desta espécie, dá uma prova convincente do gênio e do dom concedido pela natureza.

Essa prova se encontra ainda aumentada aqui pela dureza que era a característica dominante do pai do qual Wateau dependia. Foi com dificuldade que ele se decidiu a colocar esse filho, ao qual a natureza já inspirava o desejo de imitá-la, na casa de um pintor da mesma cidade. O que ele fez junto a esse pintor não nos é conhecido e não devemos lamentá-lo: porque acredito me recordar que esse mestre pintava apenas por medida, ou ao menos o que fazia valia tão pouco que não vale a pena ser discutido.

Como quer que seja, o pai não quis fornecer por muito tempo as taxas dessa educação. Não que ele estivesse em estado de julgá-la pouco lucrativa para o lado das artes, mas porque queria forçar seu filho a abraçar sua própria profissão. Wateau tinha ideias mais elevadas ou ao menos a pintura o havia destinado a ela: assim, ao invés de se estabelecer na profissão de seu pai, ele a abandonou e foi a Paris, com os meios de transporte que se pode imaginar, para cultivar uma Musa que ele estimava sem bem conhecer.

¹ Traduzido a partir de CAYLUS, Comte de. La vie d'Antoine Wateau, Peintre de figures et de paysages, sujets galants et modernes. In: GONCOURT, Edmond et Jules. *L'Art du Duz-Huitième Siècle*, tome I. 2. ed. Paris: Rapilly, Libraire et Marchand d'Estampes, 1873. p. 19-67. Originalmente lido na Academia real de pintura e escultura em 3 de fevereiro de 1748.

Pouco instruído e sem auxílio, a Pont Notre-Dame foi um recurso que ele ficou muito feliz em encontrar. Essa triste manufatura de cópias em centésima geração feitas com cores cruas e chapadas, mais inimigas do gosto do que a iluminura, que ao menos conserva as formas da estampa, a ele, com o sentimento cujo germe a natureza lhe havia dado, não convinha de modo algum. Mas ao que não nos reduz a necessidade? [...].

Longe de se desencorajar com um exercício tão miserável, ele redobrou os esforços para se elevar acima [disso]. Todos os momentos de liberdade dos quais pudesse gozar, as festas, mesmo as noites, ele os empregava para desenhar a partir da natureza. Exemplo que não se saberia mais enfatizar à juventude: exemplo muito bonito no papel, dirão os preguiçosos e que é verdade que apenas o amor pela arte pode inspirar. Como quer que seja, esses estudos contínuos jamais se fazem sem fruto e sem aumentar a disposição natural. Também temos visto pouco de semelhantes fervores de trabalho que não tenham de modo algum um sucesso pronunciado.

Com esse fundo de estudos e esse excesso de aplicação, ele se colocou em condições de sair da triste ocupação à qual estava reduzido. Encontrou Gillot, que por essa época fora admitido nesta academia. Esse Pintor, após haver executado bacanais, várias ideias fantásticas, ornamentos, coisas de moda, e mesmo de história, estava então confinado à representação de temas da comédia Italiana. Esse encontro foi uma verdadeira fortuna para Wateau. Esse gênero de composição determinou absolutamente seu gosto, e os quadros de seu novo mestre abriram os olhos para várias partes da pintura sobre as quais até então ele fazia apenas duvidar.

[...].

O talento de Wateau começou a emergir, fragilmente, na verdade, contudo ele ainda tinha necessidade de ser esclarecido. Encontrou as luzes das quais necessitava. Ao deixar Gillot, foi acolhido por Claude Audran, concierge do Luxembourg. Era um homem galante, que desenhava e pintava ele mesmo muito bem o ornamento e que, nessa última parte, sustentava o nome de uma

família que produziu um grande número de pessoas hábeis para vossa Academia.

Esse homem galante tinha então um gosto natural. Ele havia estudado principalmente os ornamentos, tais como haviam sido empregados por Rafael no Vaticano e por seus alunos em diversos locais; como também por Primaticcio em Fontainebleau. Audran colocara novamente essas composições em voga; e havia feito esquecer o gosto pesado e opressivo de seus predecessores nesse talento. Elas eram suscetíveis pelos locais que ele a elas reservava, de receber diferentes temas de figuras e outros, de acordo com a vontade dos particulares aos quais soube inculcar o gosto de fazer decorar seus tetos e seus lambris, de modo que vários artífices de diversos gêneros nisso encontrassem emprego.

Foi lá que Wateau formou o seu gosto pelo ornamento; e que ele adquiriu a leveza de pincel exigida pelos fundos brancos ou dourados sobre os quais Audran fazia executar suas obras. Exemplos muito habilidosos de sua obra podem ser vistos na Ménagerie de Versailles, e tetos muito bonitos desenhados por ele no castelo de Maudon.

Mas é com pesar, o confesso, que faço a isso um tão forte elogio; pois esse gênero não somente fez destruir os tetos dos apartamentos que os mais belos pintores haviam executado; mas que essa mudança de moda, à qual os ornamentos de gesso sucederam, vos priva ainda todos os dias de uma ocupação que vos permitiria empregar vosso talento no grande e no heróico.

Retorno a Wateau. Foi então que, residindo no Palácio de Luxembourg, ele copiou e estudou com avidez as mais belas obras de Rubens. Era ainda ali que desenhava sem cessar as árvores desse belo jardim, que bruto, e menos planejado que aqueles das outras casas reais, fornecia a ele pontos de vista infinitos; e que apenas os paisagistas encontram com tanta variedade no mesmo lugar, seja pela diferença dos aspectos e dos locais em que se encontram; seja pela reunião de várias partes distanciadas; seja, enfim, pelas diferenças que o sol do entardecer ou da manhã projeta sobre os mesmos lugares e os mesmos terrenos.

Até aqui vemos apenas um jovem homem, sem secours, que procura aperfeiçoar seu talento, que se aplica e que é ele mesmo o artesão de sua reputação, assim como o condutor de seus estudos. A seguir iremos ver esse mesmo talento desenvolvido; mas em meio a uma vida agitada pela inconstância e pelo desgosto que Wateau tinha de si mesmo e de todos os homens.

Wateau deixou Audran após haver adquirido as partes da pintura das quais acabo de vos dar ideia pelo detalhe de seus estudos. Ele as colocou tão bem em prática que abandonou completamente a maneira de Gillot. Fez marchas e descansos de soldados, de um modo completamente oposto àquele de seu mestre; e esses primeiros quadros talvez tenham igualado o que ele fez de mais belo a seguir. Vemos ali, com efeito, a cor, a harmonia, cabeças finas e cheias de espírito, e um pincel que conserva o gosto de seu desenho, pronunciado até nas extremidades e nos drapeados, e naquilo que ele quer exprimir.

De resto, não posso me resolver a atribuir a sua inconstância à separação de Audran. Wateau sentia suas forças. Ele tinha espírito, e não era de modo algum enganado por seu segundo mestre, que tinha tanto essa qualidade quanto Wateau tinha conhecimento do mundo, e que julgando conveniente retê-lo junto a si por seu próprio interesse, queria desinteressá-lo de qualquer outro trabalho que não aquele do qual o incumbia.

No entanto, para deixar um homem que o havia cumulado de cuidados e de atenção, e resistir às ofertas e às instâncias que ele lhe fazia para retê-lo, autoriza sua separação por meio de uma viagem à Valenciennes, que com efeito ele fez. Nunca vi isso como um pretexto. Wateau era demasiado íntegro em suas vontades para recorrer a isso. Pois, enfim, o que há de mais natural do que retornar à sua terra, ali reaparecer com talentos, contradizer tão honoravelmente e por meio de provas incontestáveis aqueles que haviam criado obstáculos a suas disposições e se mostrar mais hábil que seu primeiro mestre?

Eis muitas razões para conduzi-lo a essa partida. Elas sem dúvida existiram. Elas ofereceram a Wateau os prazeres que ele se prometera. Mas independentemente da curta duração característica de toda a espécie de satisfação na cabeça de Wateau, todos os talentos que emanam do espírito têm uma necessidade igual, tanto para seu desenvolvimento quanto para seu auxílio, da crítica, da emulação, da comunicação das obras e dos artistas. Em uma palavra, suas produções são feitas apenas para serem vistas e julgadas, e Wateau não encontrava nada disso em Valenciennes. Era uma forte razão para sair de lá.

Ele deixou então sua cidade natal (ali não teve uma longa estadia), e retornou a Paris. O desejo de ir a Roma e de aproveitar o belo estabelecimento que Luís XIV ali criou para o progresso das artes e dos alunos, faz com que algum tempo depois ele se candidatou a disputar o preço de vossa escola. Ele ganhou o segundo [lugar] no ano de 1709, mas não foi de modo algum admitido para a viagem: precisou então se contentar em perseguir seus estudos em Paris, o que faz sem renunciar a esse projeto.

Em 1712, ele vos apresentou, com esse objetivo em mente, alguns dos quadros de sua maneira, muito superiores àquele que o havia feito merecer o prêmio. Um talento formado e muito distinto, a inutilidade da viagem que ele solicitou, foram motivos para fazer com que a Academia o aceitasse como membro. Ele o foi com ainda mais distinção na medida em que o Sr. De la Fosse, esse homem galante por si mesmo, tão recomendável pelas várias partes da pintura nas quais se sobressaiu, reconheceu seu mérito; e, conhecendo-o apenas por suas obras, se interessou vivamente por ele.

É assim que a verdade deve agir nas deliberações da Academia, sem fazer exceção, ou excluir por algumas visões particulares. A prevenção a favor ou contra as pessoas, e com relação a suas ligações é um inconveniente terrível. Apenas o talento deve nos decidir, e apenas o talento deve dar cor a nossas escolhas. Foi algum tempo depois dessa justiça que a Academia prestou à Wateau que eu o conheci.

No entanto, a honra que vós haveis feito a ele, sua maneira nova e plena de ornamento, fizeram com que recebesse bem mais encomendas do que as que desejava e podia fazer. Ele não tardou, ao mesmo tempo, em experimentar a inoportunaidade que os talentos notáveis causam muitas vezes nas grandes cidades, onde os semi-connoisseurs e os desocupados abundam e se apressam em se introduzir nos gabinetes e nos ateliês. E por que o fazem? Para ali falar bobagens sem cessar e para perturbar e inverter essas meditações e essas pesquisas que sozinhas fazem a boa obra. O melhor que pode ocorrer a eles é elogiar mal. Porque sustentar o elogio no rosto é o seu grande papel. Que tormento, que incômodo para um homem de arte ver chegar e se estabelecer junto a ele semelhantes personagens sem poder deles se desfazer! Porque eles são tenazes, e tão impacientes em surgir quanto difíceis de dispensar.

Sua multidão é comumente seguida por esses comerciantes de bricabraque, os ditos curiosos, que sabem fazer pagar, aos pintores fáceis em seu talento, uma espécie de habito do mundo que eles por vezes cruelmente adquiriram. Eles se apoderam dos esboços, se fazem doar os estudos; e, o que é pior, propõem o retoque das más pinturas que eles acumulam em pilhas; tudo para ter um quadro completo de um mestre que não lhes custa nada ou ao menos pouca coisa. Não há truques que não empreguem para chegar a esse fim.

Wateau foi vivamente perseguido por eles. Desembaraçava-se facilmente desses dois gêneros de inoportunos, e os conhecia à maravilha, e como nasceu cáustico, vingava-se pintando o caráter e a truculência daqueles pelos quais era mais perseguido. Ele não se deixava enganar por eles tampouco no detalhe. De resto essa pintura viva que sabia fazer não o consolava de modo algum do incômodo que à longo prazo acabavam por lhe impor. Eu o vi muitas vezes sofrer a ponto de querer abandonar tudo.

Parece que os sucessos brilhantes que ele obteve junto ao público deveriam ter alimentado suficientemente seu amor-próprio para colocá-lo acima desses pequenos incidentes. Mas Wateau era feito de modo a se desagradar quase sempre com o que criava. Acredito que uma das mais fortes razões desse

desgosto tinha por princípio as grandes ideias que possuía acerca da Pintura. Pois posso assegurar que queria a arte bem acima daquela que praticava. Essa disposição o tornava em tudo muito pouco partidário de suas obras. O valor que ele com elas obtinha tampouco o tocava, e estava muito abaixo do que teria podido lucrar. É que não amava de modo algum o dinheiro, e que não era em absoluto a ele apegado. Assim Wateau não era mesmo sustentado por esse amor ao ganho, tão poderoso sobre tantos outros. Irei reportar um exemplo disso, que vos provará sua indiferença em relação a um e outro desses pontos.

Um peruqueiro lhe trouxe uma peruca natural, que não possuía nada de recomendável, mas pela qual, contudo, ele ficou encantado. Ela pareceu a Wateau a obra-prima da imitação da natureza. Certamente não era aquela da natureza frisada; pois eu a vejo daqui em todo o seu comprimento e toda a sua platitude. Ele perguntou seu preço; mas o peruqueiro, mais fino do que ele, garante que ficaria muito contente se quisesse lhe dar alguma coisa de sua criação. Alguns estudos o teriam satisfeito. Wateau acreditou jamais ter feito tão bom negócio, e proporcionando seu presente em prol de sua posse, deu a ele dois pequenos quadros pendentes, e talvez dos mais picantes que fez. Cheguei pouco tempo depois da conclusão desse bom negócio. Na verdade ele tinha escrúpulos. Queria ainda fazer um quadro para o peruqueiro, e foi com dificuldade que tranquilizei sua consciência.

Ao mesmo tempo em que nasceu cáustico, nasceu tímido, duas coisas que a natureza não reúne comumente. Ele tinha espírito, e ainda que não tenha recebido educação alguma, tinha *finesse*, e mesmo delicadeza para julgar a música e todas as obras do espírito. A leitura era sua maior distração. Ele sabia fazer valer tudo o que havia lido; e ainda que em geral ele discernisse e apresentasse às maravilhas os ridículos daqueles que vinham interrompê-lo, como eu já disse, era frágil, e se deixava surpreender facilmente.

[...].

Foi o que deu ocasião a sua aventura com um pintor de miniaturas que vós me dispensareis de vos nomear. Esse homem falava muito bem, mas demasiado

abundantemente da Pintura. Aparentemente ele coagiu pela palavra o dia em que foi à casa de Wateau ou este, para abreviar a inoportunidade, apenas procurou dele se desembaraçar; porque ele soube lhe tirar um quadro, como Patelin tira a peça de tecido de lã do Sr. Guillaume.

Esse miniaturista estava tão persuadido de seu mérito, que ele se arrogava o aperfeiçoamento e o sucesso das mais belas obras, pelos conselhos que pretendia haver dado a seus autores, e pelo modo como dizia os haver conduzido a respeito do arranjo, da harmonia e da disposição. Ele não se expressava mal, para se fazer honrar. Pois escolhera os senhores de Troy, de Largilliere e Rigaud, que nessa época estavam com toda a sua força. Eu era jovem. Ele não prestava atenção em mim. Ignorava mesmo meu gosto pela pintura. Um dia, com a confiança e o falso entusiasmo de um tagarela, quando lhe foi dada audiência, falou durante mais de duas horas das correções que havia mandado fazer nesses grandes homens, e da deferência que tinham pela justeza de seu gosto. Fiquei indignado com seu orgulho e com sua impáfia; mas por melhor que fosse a causa a defender, não ousava falar: não me sentia suficientemente forte, e não queria de modo algum acrescentar minha derrota ao triunfo que lhe asseguravam a abundância de suas palavras e a ignorância de seus ouvintes.

Alguns dias depois, conversando com Wateau sobre a infelicidade dos artistas, que são injustamente torturados, e que muitas vezes experimentam a dificuldade de uma má impressão dada aos tolos e aos ignorantes, que sempre comporão o maior número, fiz a ele o relato da conversação que havia escutado e nomeei seu autor. Se eu tivesse sabido sobre um tal caráter, me disse ele, não teria lhe dado um quadro dia desses. Então ele me contou, muito divertidamente, o que lhe acontecera com esse mesmo homem, bem resolvido a disso tirar bom proveito.

Ao fim de algum tempo ele veio ver Wateau, o agradeceu pelo magnífico presente que lhe havia feito, o elevou muito acima das maiores obras; e acrescentou que, no entanto, após havê-la examinado com cuidado, havia observado várias correções que julgava necessárias. Wateau, interiormente

encantado por vê-lo enredar-se a si mesmo, disse a ele que as faria com prazer. O outro replicou que se quisesse fazê-la sob seus olhos, o orientaria. Wateau com isso consentiu. Aquele, surpreso com uma docilidade da qual ele duvidava talvez ao chegar, tirou o quadro que havia trazido por via das dúvidas sob seu manto, e Wateau, com um grande sangue frio, pega óleo de *aspic*, e não o fez esperar para fazer na tela em maneira uma charmosa limpeza. Ele quis se irritar, mas Wateau falou firme, e vingou à maravilha os grandes homens dos quais ele lhe fez sentir a superioridade; acrescentando que não lhe permitia falar deles como estava fazendo.

Não acredito que uma tão boa lição o tenha corrigido; mas sei que ele era muito *connaisseur*, e muito atento a seus interesses para ter lamentado por toda a sua vida a perda de uma obra que o autor, que não se elogiava comumente, me disse não ser um de suas piores. Tudo o que posso dizer é que jamais Wateau teve tanto prazer em fazer algum quadro quanto teve em apagar aquele.

Gozando de uma agradável reputação, não tinha outro inimigo além de si mesmo, e certo espírito de instabilidade que o dominava. Mal se estabelecia em uma residência e logo tomava aversão a ela. Ele a mudava cem e cem vezes, e sempre sob pretextos que, por vergonha de usá-los assim, procurava tornar especiais. Ele se fixava mais em alguns quartos que eu tinha em diferentes *quartiers* de Paris, que nos serviam apenas para posar o modelo, pintar e desenhar. Nesses lugares consagrados unicamente à arte, livres de qualquer inoportunidade, experimentávamos, ele e eu, com um amigo comum que cultivava o mesmo gosto, a pura alegria da juventude, unida à vivacidade da imaginação, uma e outra unidas sem cessar aos charmes da Pintura. Posso dizer que Wateau, tão taciturno, tão atrabiliário, tão tímido, e tão cáustico em todos os outros lugares, não era mais então do que o Wateau de seus quadros: isto é, o autor que eles fazem imaginar agradável, terno e talvez um pouco pastor.

Foi nesses retiros que reconheci, para meu ganho, o quanto Wateau pensava profundamente sobre a Pintura; e o quanto sua execução era inferior a suas

ideias. Com efeito, não tendo nenhum conhecimento de anatomia, e não tendo quase jamais desenhado o nu, ele não sabia nem o ler, nem o exprimir; ao ponto mesmo que o conjunto de uma Academia dele exigia demais e o desagradava, por conseguinte. Os corpos das mulheres, exigindo menos articulação, eram para ele um pouco mais fáceis. Isso leva ao que já observei acima, que os desgostos que ele tinha tantas vezes com relação a suas próprias obras partia da situação de um homem que pensa melhor do que pode executar.

Em particular essa insuficiência na prática do desenho o impossibilitava de pintar ou de compor algo de heróico ou de alegórico, ainda menos de conferir às figuras uma certa grandeza. *As quatro estações* que ele pintou na sala de jantar do Sr. Crozat são uma prova disso. Elas são quase seminatuzza; e, ainda que ele as tenha executado a partir dos esboços do Sr. De la Fosse, vemos ali tanto amaneiramento e segura que sobre ela não saberíamos dizer nada de bom. Esses quadros, no entanto, diferem de seu modo de tratar esses pequenos temas apenas pelo nu e pelos drapeados que são de um gênero diverso; mas esse toque fino e ligeiro, que fica tão bem no pequeno [formato], perde todo o seu mérito e se torna insuportável quando é empregado nessa extensão maior que, aqui, foi necessário utilizar.

Ao fundo, é preciso convir, Wateau era infinitamente amaneirado. Ainda que dotado de certas graças, e sedutor em seus temas favoritos, suas mãos, suas cabeças, mesmo sua paisagem, tudo se ressentia desse defeito. O gosto e o efeito constituem suas maiores vantagens e produzem, é verdade, agradáveis ilusões, assim como sua cor é boa, é justa na expressão de seus panos, que são desenhados de um modo picante. É preciso dizer ainda que ele nada mais pintou do que panos de seda sempre sujeitas a apresentar pequenas dobras. Mas seus drapeados eram sempre bem moldados, a ordem das pregas era verdadeira porque ele as desenhava sempre a partir do natural; e que nunca se serviu de manequim. A escolha das cores locais de seus drapeados era boa, e não chocava jamais a harmonia. Enfim seu toque fino e ligeiro conferia a toda a sua execução um ar picante e animado. A respeito de sua expressão nada posso dizer: porque ele jamais se expôs a apresentar qualquer paixão.

Contudo o Sr. Crozat, que amava os artistas, ofereceu-lhe sua mesa e um alojamento em sua casa. Ele os aceitou. Essa bela casa, que encerrava então um número muito grande de tesouros para a Pintura e para a Curiosidade que jamais particular algum pudera reunir sob sua mão, forneceu mil novos auxílios a Wateau. Mas o que cativou mais fortemente seu gosto foi essa bela e numerosa coleção de desenhos dos maiores mestres que fazia parte desses tesouros. Ele era sensível àqueles de Giacomo Bassan. Mas mais ainda aos estudos de Rubens e de Van Eyck. Os belos tecidos, as belas fitas, e a folhagem cheia de gosto e de espírito das árvores de Ticiano e de Campagnol, que ele via, por assim dizer, a descoberto, o encantaram. E, como era natural ver as coisas em relação à utilidade que delas se pode retirar, ele dava de bom grado a preferência à essas últimas partes pelo arranjo, composição e expressão dos grandes pintores de História, cujo objeto e talento estavam tão distantes dos seus. Ele se contentava em admirá-los, sem procurar se aplicar a eles por nenhum estudo particular, do qual ele também não teria podido tirar muito auxílios.

Foi aí que nós preparamos para ele, o Sr. Henin, esse amigo sobre o qual falei acima, e eu, um número infinito de desenhos, a partir dos Estudos dos melhores mestres flamengos, e desses grandes paisagistas italianos, e que nós adiantamos bastante para que ali, em dois tempos, Wateau deles tivesse o efeito. Era servi-lo segundo sua inclinação: porque amava ter acesso a tudo prontamente. Era também, o direi sempre, a parte da pintura à qual era mais sensível.

O gênero do pequeno ali conduz a pouco frescor. Um nada nele produz ou altera a expressão. A coisa chega ao ponto de que às vezes se pode suspeitar que o acaso tenha a honra principal. Wateau, para acelerar seu efeito e sua execução, amava pintar *à gras* [por camadas espessas, retocando antes que as cores estivessem secas]. Essa manobra sempre teve muitos partidários, e os maiores mestres dela fizeram uso. Mas para empregá-la com sucesso é preciso ter feito grandes e felizes preparações, e Wateau quase jamais as fazia. Para compensar isso de algum modo, ele tinha o hábito, quando retomava um quadro, de friccioná-la indiferentemente com óleo e de repintar

por cima. Essa vantagem momentânea, em seguida, causou um dano considerável a seus quadros: ao que também muito contribuiu uma certa prática não asseada que acabou mudando suas cores. Raramente ele limpava sua paleta e ficava muitas vezes vários dias sem a carregar. Seu pote de óleo, do qual fazia um uso muito grande, estava cheio de sujeira e de poeira e misturado com todos os tipos de cores que saíam de seus pincéis à medida que ele ali os mergulhava. O quanto essa maneira de proceder estava distante dos cuidados extraordinários que tomaram certos pintores holandeses para trabalhar de modo limpo. Pode-se citar entre outros, sobre esse ponto, Gerard Douw, e se observa que ele triturava suas cores sobre um vidro, que tomava precauções infinitas para impedir que elas fossem alteradas pelo menor átomo de poeira e limpava ele mesmo, todo dia, sua paleta e até o cabo de seus pincéis, o que o último autor da *Vie des peintres* agradavelmente entendeu como cabo de vassoura, enganado pela dupla significação da palavra holandesa que, de acordo com o local e as circunstâncias em que é empregada, significa seja um cabo de pincel, seja um cabo de vassoura, mas que não deveria provocar equívoco aqui.

De resto, não acredito que vós considereis esses detalhes como minúcias. Para recomendar esse cuidado e essa limpeza no emprego das cores, condição muito essencial para a conservação e durabilidade dos quadros, pareceu-me demasiado necessário reportá-los para não destacar de modo algum o defeito àqueles que deixaram muito fortemente a desejar nesse aspecto, como o fez Watteau. Eram sua preguiça e sua indolência que ali conduziam, ainda mais do que certa vivacidade, que o desejo e mesmo a necessidade de lançar prontamente sobre a tela algum efeito concebido pode inspirar. Ele às vezes era por isso arrebatado, mas muito menos do que pelo prazer de desenhar. Esse exercício tinha para ele uma atração infinita, e ainda que na maior parte do tempo a figura que definira a partir do natural não tivesse nenhuma destinação determinada, Wateau tinha toda a dificuldade do mundo em abandoná-la.

Digo que mais comumente ele desenhava sem objeto. Porque jamais fez nem esboço, nem pensamento para qualquer um de seus quadros, por mais leves e

por mais pouco acabados que pudessem ser. Seu costume era desenhar seus estudos em um livro encadernado, de modo que tinha sempre à mão um grande número deles. Wateau tinha trajés galantes e alguns de cômicos, com os quais revestia as pessoas de um e de outro sexo de acordo com o que achava que gostariam de portar e que ele tomava nas atitudes que a natureza lhe apresentava, preferindo de bom grado os mais simples aos outros.

Quando decidia fazer um quadro, recorria a sua coleção. Ele ali escolhia as figuras que melhor lhe convinham para o momento. Formava seus grupos na maior parte das vezes em consequência de um fundo de paisagem que havia concebido ou preparado. Era raro mesmo que procedesse de outro modo.

Esse modo de compor, que seguramente não se deve seguir, é a verdadeira causa dessa uniformidade que podemos repreender nos quadros de Wateau. Independentemente do que, sem perceber, ele repetia muitas vezes a mesma figura; ou porque ela o agradava, ou porque, ao procurar, era a primeira que se lhe apresentava. É ainda o que dá às estampas gravadas a partir dele uma espécie de monotonia e de relação geral que não permite de modo algum [que sejam tidas em] quantidade. Em uma palavra, à reserva de alguns desses quadros, tais como o *L'Accordée* ou *La Noce de village*, *Le Bal*, o Cartaz feito para o Sr. Gerfait, o *Embarquement de Cythère*, que ele pintou para sua recepção em vossa Academia e que repetiu, suas composições não têm nenhum objeto. Elas não exprimem o concurso de uma paixão e são, por conseguinte, desprovidas de uma das mais picantes partes da pintura, quero dizer a ação. Apenas ela, como vós sabeis, senhores, pode comunicar à vossa composição, sobretudo à Heróica, esse fogo sublime que fala ao espírito, o arrebatada, o envolve e o enche de admiração.

Não esqueçamos de modo algum de observar aqui que Wateau foi recebido em vossa Academia apenas cinco anos após nela haver sido admitido; isto é, em 17 de agosto de 1717. Sua indolência em fazer e em fornecer o quadro requerido para conformar essa obra foi a única causa desse atraso. Foram mesmo necessárias várias citações para colocá-lo conforme à regra a esse respeito.